

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
COLEGIADO DE HISTÓRIA

ESPELHOS DE UMA REVOLUÇÃO: A CABANAGEM NA REGIÃO AMAZÔNICA
(1835-1840)

KARINA BALIEIRO DA SILVA

TEFÉ-AM

2021

KARINA BALIEIRO DA SILVA

**ESPELHOS DE UMA REVOLUÇÃO: A CABANAGEM NA REGIÃO AMAZÔNICA
(1835-1840)**

Trabalho de Conclusão de Curso de História
apresentado para obtenção de título de
Licenciatura em História da Universidade do
Estado do Amazonas.

Professor Orientador: Dr. Luciano Everton
Costa Teles.

TEFÉ-AM

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Silva, Karina Balieiro Da. Espelhos de uma Revolução: a Cabanagem na região amazônica (1835-1840). / Karina Balieiro Da Silva, 2021.
42 f.: il. Color.

Orientador: Luciano Everton Costa Teles.

Trabalho de Conclusão de Curso de História. Universidade do Estado do Amazonas. 2021.

Cabanagem.Influências.limites.espaço-geográficos.narrativas
historiográficas.

KARINA BALIEIRO DA SILVA

ESPELHOS DE UMA REVOLUÇÃO: A CABANAGEM NA REGIÃO AMAZÔNICA
(1835-1840).

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciada em História da Universidade do Estado do Amazonas, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Professor Orientador Dr. Luciano Everton Costa Teles

Professor Dr. André de Oliveira Melo

Professor Dr. Yomarley Lopes de Holanda

Tefé, Amazonas, 15 de dezembro de 2021.

Em memória de minha querida e amada mãe, Marilene Balieiro.

“O historiador nada mais é do que um figurante caminhando com dificuldades no meio da procissão. E à medida que a procissão serpenteia, desviando-se ora para a direita ora para a esquerda, algumas vezes dobrando-se sobre si mesma, as posições relativas das diferentes partes da procissão estão constantemente mudando... Novas perspectivas, novos ângulos de visão constantemente aparecem à medida que a procissão-e o historiador com ela-se desloca. O historiador é parte da história. O ponto da procissão em que ele se encontra determina seu ângulo de visão sobre o passado. ”

Edward H. Carr, *Que é História?*, 1985.

RESUMO

A presente pesquisa buscou abordar o movimento social da Cabanagem, que se ambienta na Amazônia brasileira do século XIX, tela deste cenário tingido em vermelho, a partir da observação em linhas abertas de sua influência para além dos limites espaço-geográficos da Capital da província do Grão-Pará (Belém), observando as mudanças nas narrativas historiográficas acerca deste movimento, destacando o papel de agentes históricos ativos de índio e negros na Amazônia. Tivemos como objetivo principal destacar a abrangência do movimento cabano nos sertões amazônicos, desvelando visões estereotipadas do mesmo, a metodologia empregada consiste na revisão bibliográfica, que perpassa Raiol ligado a história das elites nos moldes do IHGB, Caio Prado Júnior em sua análise do aspecto da luta de classes, adentrando a Renato Guimarães e ao afunilamento da ótica historiográfica enfatizando o protagonismo negro e indígena no movimento cabano, englobando a vila de Ega à extensão do movimento cabano.

Palavras-chave: Cabanagem; Influências; limites espaço-geográficos; narrativas historiográficas.

ABSTRACT

The present research sought to approach the social movement of Cabanagem, which takes place in the Brazilian Amazon in the 19th century, screen of this scenario dyed in red, from the observation in open lines of its influence beyond the spatial-geographic limits of the Capital of the province of Grão-Pará (Belém), observing the changes in the historiographical narratives about this movement, highlighting the role of active historical agents of Indians and blacks in the Amazon. Our main objective was to highlight the scope of the cabano movement in the Amazon hinterland, unveiling stereotyped views of it. The methodology used consists of a bibliographical review, which runs through Raiol linked to the history of elites along the lines of the IHGB, Caio Prado Júnior in his analysis of the aspect of class struggle, entering Renato Guimarães and the funneling of the histographic perspective emphasizing the black and indigenous protagonism in the cabano movement, encompassing the village of Ega to the extension of the cabano movement.

Keywords: Cabanagem; Influences; Spatial-Geographical Boundaries; Historiographic Narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A CABANAGEM E SUAS VERSÕES	12
1.1 A Cabanagem como “motim político”	13
1.2 A Cabanagem como “movimento de libertação nacional”	18
1.3 A Cabanagem como “luta de classes”	22
CAPÍTULO 2: A CABANAGEM E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS, INFORMAÇÕES E MILITÂNCIA	28
2.1 As ideias circulam e tomam “corpo”	29
2.2 O “corpo” em movimento: A Cabanagem como dimensão nacional e internacional	32
3.3 A Cabanagem nos sertões amazônicos: A Vila de Ega	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	13

INTRODUÇÃO

A Cabanagem famoso movimento que ocorreu ao norte do território brasileiro no século XIX, no período da menoridade de D. Pedro II, ou seja, no Período Regencial é marcada na historiografia brasileira. Um período marcado por tensões no Império do Brasil, primeiramente por ser um dos primeiros a eclodir no território, segundo por ser um conflito que armou a massa da população e agitou os ânimos no Pará, terceiro e último pela a tomada do poder das mãos imperial para as mãos da elite local.

A Cabanagem é um tema atraente, não somente pelo fato de ter sido uma revolta popular que tomou o poder de uma Província do Norte (Pará), mas principalmente por força do vento da liberdade ter soprado no vasto sertão amazônico. Caio Prado Júnior (1986) sublinhou a importância do que caracterizou como uma revolta popular na Província do Pará. Magda Ricci (2006) colocou em relevo o avanço da cabanagem pela Amazônia e até mesmo para outros países, nas suas palavras:

Ela também abarcou um território muito amplo. Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central e ainda se aproximou do litoral norte e nordeste. Gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de idéias e de pessoas (RICCI, 2006, p. 6).

O interesse pelo tema da Cabanagem surgiu da leitura de autores que versam sobre o tema como por exemplo, Luís Balkar, Prado Júnior e sobretudo quando Ricci apontou a sua ampla dimensão, para além das fronteiras do Pará. Em Tefé, existem documentos que mencionam a presença do movimento cabano na cidade, o que despertou uma inquietação em saber como este movimento chegou na referida cidade e quais suas características e efeitos na antiga Ega.

O tema em tela é viável, pois “a Cabanagem tem continuado a ocupar apenas notas marginais e rodapés desprezíveis, denunciando o descaso da historiografia brasileira para com os movimentos sociais” (PINHEIRO, 2001, p. 19). É também relevante, uma vez que pode contribuir, num quadro mais geral, para compreender o avanço desse movimento pelo vale amazônico e seus impactos em prol de outro mundo social.

Além disso, como apontou Magda Ricci, a Cabanagem não foi um movimento que se restringiu a Belém, mas se espalhou pelos rios e igapós da Amazônia, atingindo regiões para além das fronteiras brasileiras. Seus líderes e seus ideais circularam por uma teia tecida por eles mesmos no calor da luta. Traçar essa rede de relações e circulação de lideranças e ideias cabanas se constitui como uma opção metodológica importante (2006, p. 6).

Sendo a Cabanagem um movimento popular, fundamentado na Revolução Francesa que estourou no Brasil-Império, a historiografia mostra-nos que este movimento alcançou até mesmo o interior da Província do Grão-Pará, ou seja, nas vilas e povoados dentre elas a de Ega. Tratando-se de expor as versões e os rumos, ideias e informações que este famoso fato histórico contém que surge este trabalho.

O trabalho em tela sob título “Espelhos de uma Revolução: a Cabanagem na região amazônica (1835-1840)”, tem como intuito mostrar as versões da Cabanagem na historiografia desde o seu primórdio até a atualidade e também expor como os ventos do Movimento Cabano ecoaram no vasto “sertão amazônico”¹, e a sua importância enquanto construção da identidade amazônica.

Para tal fez-se necessária pesquisa exploratória a respeito do tema, seguindo as orientações de Silvia Petersen no artigo “O pesquisador iniciante e a produção do conhecimento histórico”. Definir o movimento cabano a partir de obras recentes a respeito da temática é refletir sobre seu caráter revolucionário e de movimento social.

A pesquisa é de caráter bibliográfico e observou a relevância do movimento cabano, mais especificamente as versões e os lugares que a Cabanagem alcançou. Dividido em dois capítulos, considerações finais e por referências este trabalho buscar expor um curto período da Amazônia na primeira metade do século XIX, investiga a dimensão múltipla e imprecisa que foi a Cabanagem. Enfim, tão vasta e complexa, repleta de interpretações e ideias este é o instrumento de estudo, o Movimento Cabano.

¹ Cabe salientar que ao afirmar tal expressão está livre de todo preconceito epistemológico a respeito da ideia de inferno verde, usando-o no intuito de buscar uma linguagem de época.

CAPÍTULO 1

A CABANAGEM E SUAS VERSÕES

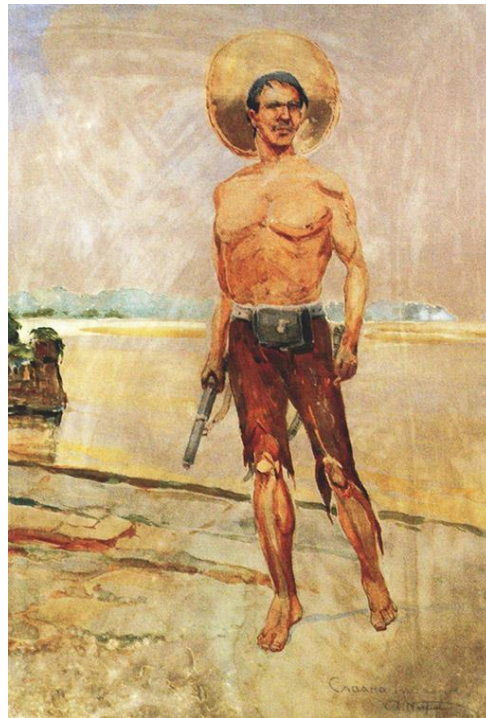


Imagem 01: “O Cabano Paraense”. Alfredo Norfini, 1940, Museu de Arte de Belém.²

O movimento Cabano, ocorrido no período Regencial do Brasil, conhecido por ter dizimado grande parte da população da Amazônia na primeira metade do século XIX, ganha espaço nas produções bibliográficas do país, em especial da região Norte. Repleto de interpretações, a historiografia que versa sobre a Cabanagem é rica de artigos e dissertações acerca deste tema, como por exemplo, “Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: problema do patriotismo na Amazônia entre 1835- 180” (RICCI, 2006) e “Visões da Cabanagem- Uma revolta popular e suas representações na historiografia” (PINHEIRO, 2001). E no intuito de expor uma pequena parte das versões é que este capítulo surge, com o propósito de tornar conhecido como a Cabanagem é visto na historiografia desde sua gênese até o cenário atual.

Antônio Raiol (1970) e Moreira Azevedo (1884), por exemplo, compreendem o movimento Cabano como marginais, anarquistas, motins, canalhas. Já Kidder (1980) e Prado Júnior (1983) tentam olhar para o movimento através Antônio Raiol (1970) e Moreira Azevedo (1884), por exemplo, compreendem o movimento Cabano como marginais,

² Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/o-bicentenario-no-para-cabanagem-e-uma-luta-por-direitos-e-cidadania/>. Acesso em: 18 Nov. 2021.

anarquistas, motins, canalhas. Já Kidder (1980) e Prado Júnior (1983) tentam olhar para o movimento através do viés cabano, Kidder observa como uma vingança por todo mal sofrido desde os primórdios. Caio Prado Júnior por sua vez, vê a Cabanagem como uma luta de classes. Afim de mostrar como a Cabanagem foi interpretada desde os seus primórdios até os dias atuais, fez-se necessário a seleção de algumas obras que versam sobre o tema (inclusive a sua obra matriz). Onde intelectuais renomados são estudados, para a exposições dessas versões.

1.1 A Cabanagem como “motim político”

Para narrar acerca da Cabanagem, não se pode excluir sua obra matriz *Motins Políticos* de Domingos Antônio Raiol³ com o objetivo de criar uma visão geral da História do Grão- Pará, na segunda metade do século XIX, ele lança a famosa obra. *Motins Políticos* intitulado desta forma, pois o autor procura abordar os acontecimentos políticos no Grão- Pará e sua relação com o Governo Central, desde o processo de independência do Brasil (1821-23) até a eclosão do Movimento Cabano em 1835. Neste Raiol voltado para os acontecimentos políticos na província, ganha destaque no seu recorte a respeito da Cabanagem, tornando-se pioneiro no movimento mais popular do Norte do Brasil. Conferindo-lhe a obra inaugural das produções historiográficas desse vasto tema que é a Cabanagem.

Os documentos que compõe a historiografia da Cabanagem em seu primeiro momento são os relatos dos viajantes estrangeiros, os breves resumos que eram produzidos pelo Estado brasileiro e a obra em questão *Motins Políticos* (PINHEIRO, 2001, p. 39). Apesar desse conjunto documental, o que nos cabe aqui é ressaltar a importância dessa obra emblemática, onde Raiol conterrâneo dos cabanos, com o pai assassinado no movimento em 1835 e membro do IHGB reúne grandes volumes de documentos e republica com sua visão acerca do documento e conclui em cinco volumes tal produção.

Tal qual foi escrita a *História Geral do Brasil*⁴ pelas as mãos de Francisco Adolfo de Varnhagen⁵ por uma tendência elitista, nas palavras de José Carlos Reis: “O Brasil que ele vê

³ Um homem influente no campo político da época, “formado em 1854 pela Faculdade de Direito de Pernambuco, Raiol envolveu-se logo na política paraense, vinculando-se ao Partido Liberal, pelo qual se elegeu deputado. De inteligência incomum e com uma forte capacidade e articulação nos meios políticos da Corte” (Pinheiro, 2001, p. 53). Onde adquiriu títulos nobiliárquicos, conhecido também conhecido como o “Barão de Guarujá”.

⁴ Obra campeã do concurso do IHGB idealizado por Von Martius, no intuito de como se escrever a História do Brasil, em 1854.

integrar-se nesse momento não é um Brasil popular, mestiço, índio e negro; ele celebra o coroamento da dominação portuguesa” (REIS, 2007, p. 42). O Barão de Guarujá por sua vez, produz sua versão do Movimento Cabano pelo o mesmo viés, ou seja, voltado para a defesa do Estado. Porém como bem afirmou Pinheiro:

Não há o que estranhar neste aspecto, já que, por séculos e, principalmente no Brasil, a profissão de historiador foi quase exclusivamente desempenhada por políticos, burocratas e intelectuais que formavam e exprimiam o pensamento das elites políticas e socioeconômicas do país. (2001, p.40)

Portanto não há novidades, já que tanto a História do Brasil, quanto a sua historiografia sempre (ou quase sempre) ficou nas mãos da elite letrada. Os escritos no tocante a Cabanagem desenvolvida por Antônio Raiol, por exemplo, mostra com clareza o trecho acima.

Contudo na busca de dar sequência a história das elites aristocráticas do Brasil, o Barão de Guarujá descreve a Cabanagem como um motim⁶, um levante de rebeldes, onde conflitava contra a “ordem” estabelecida na província do Grão-Pará, na qual se afastava da convivência da sociedade “civilizada”. Em que os “desqualificados” lançavam-se numa revolta, que ao deslocar-se para o interior das camadas causavam problemas, pois era lá que emergia as ideias incendiárias. “O sentimento sedicioso desperta os maus instintos da plebe, eleva a escória social, assanha os malfeitores, produz abomináveis cenas de sangue e aviltamento! ” (RAIOL, 1970, p. 804). Para ele, o envolvimento das camadas subalternas (mais precisamente a plebe) era a pior parte da insurreição, pois esta camada causava episódios cruentos, na qual, manchava a história do Brasil enquanto nação.

Descritos como de índole rebelde, com fraqueza de caráter, raça inferior, primitivos, plebe, massa maltrapilha, marginais, sem instrução, nefastos, incapazes de agir por si só e entre outros adjetivos:

Homens de ínfima classe social, sem educação nem moralidade, dados em sua maioria à embriaguez e privados de discernimentos, deixavam-se arrastar pelos instintos de ferocidades e não estremeciam diante dos maiores atentados! Os seus intitulos chefes não tinham força moral para contê-los, nem se distinguiam por melhores sentimentos e dotes naturais, pelo que se faziam coniventes com os próprios subordinados. E em tais condições é de

⁵ Visconde de Porto Seguro, com fortes influências na política brasileira, diplomata, militar e historiador brasileiro do século XIX.

⁶ No dicionário de definições de Oxfords Languages é o ato ou o efeito de sublevar contra a ordem social.

prever quantos desvarios não seriam eles capazes no domínio de terror em que viviam! (RAIOL, 1970, p. 898)

Desta maneira foram os cabanos narrados por Raiol, tal como a parte podre do tecido social onde suas manifestações não passavam do levante das “fezes sociais”. Estás foram muitos das assertivas usadas pelo o autor, no intuito de desdenhar e avacalhar o movimento que já tinha ganhado força na Província do Norte. Para o Barão de Guarujá, o governo estabelecido pelos cabanos na figura de Malcher e dos irmãos Vinagre, não continha as camadas populares, tanto que o governo Cabano não soube dominar o poder, no qual, acabou descendo para as camadas mais baixas. Onde os “homens sem conceito” implantaram a anarquia que reinava desde 1835 no Movimento. Homens que não tinha nada a perder, que tinha na insurreição como um jogo de azar, em que a qualquer momento a sorte fosse promissora.

O Movimento Cabano em seu primeiro momento foi descrito como negativo tanto para a História do Brasil, quanto para a Província do Grão- Pará. Pois a insurreição, o massacre da população amazônica e a tomada do poder pelo o povo comum, foi novidade para o Estado brasileiro. Domingos Antônio Raiol, como um homem influente na elite brasileira, visando a História da Nação sem mácula, logo discrimina tal movimento, descrevendo-o como uma revolta, condenando-a um motim que desordenou o Período Regencial. Para ele:

Pensem os visionários como quiserem, a rebeldia sempre será condenável nas sociedades bem constituídas. Pintem-na com as cores mais vivas e sedutoras da imaginação; chamem-na tumulto ou sedição, revolta ou insurreição, motim ou rebelião, nada alterará a sua natureza e efeitos; deem-lhe o nome que melhor soe e agrade aos ouvidos dos incendiários, ela não deixará nunca de ser uma transgressão sujeita à sanção penal. (RAIOL, 1970, p. 1006)

Portanto grande foi a contribuição de Raiol para a historiografia que versa sobre a Cabanagem, pois a partir dele que se expandiu o leque de trabalhos que abordam a respeito do movimento Cabano, ocorrido na primeira metade do século XIX. A criação do IHGB⁷ foi favorável para as produções da historiografia brasileira e também para a da Cabanagem. Tanto que através das influências do Barão de Guarujá alguns intelectuais da época se debruçaram a escrever acerca do famoso movimento que eclodiu no Grão- Pará, dentre eles se

⁷ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 21 de outubro de 1838. No intuito de promover a produção da identidade brasileira sua história e de toda sua região.

destaca Moreira de Azevedo⁸, historiador dedicado a narrar os fatos históricos acontecidos no período da menoridade de Dom Pedro II.

Azevedo tal qual Raiol empenha-se a descrever também sobre o movimento da Província do Grão-Pará, em seu famoso trabalho História Pátria de 1884. Que tratava da Regência Provisória, da Proclamação ao Povo, as providências em favor da “ordem”, da força militar, da abdicação de Dom Pedro I e a menoridade do Dom Pedro II, do ministro da justiça e os movimentos ocorridos no Maranhão, Pernambuco, Bahia, Santa Catharina e mesmo o Pará. Ou seja, a História Geral do período entre 1831 a 1840. Sem fugir do tema central no capítulo VI, desta obra Azevedo data o ano de 1836 e descreve a situação do Pará afirmando o seguinte:

Seguindo a influência de Raiol, Moreira de Azevedo descreve os cabanos pelo o mesmo prisma. “Rebeldes”, “desqualificados”, “degenerados”, “homens de ínfima classe”, “canalhas”, “anarquistas malvados”, “assassinos” e “gente de cor e sem princípios”. Uma insurreição sem princípios, reconhecida até mesmo pelo o governo Central como motim, onde cabanos se revoltavam contra os homens brancos. No qual, a “classe incivilizada” odiava a classe alva e rica.

Para reforçar essa versão elitista, Azevedo descreve o general Andréa⁹ como o herói da pátria, que depois de meses de lutas desses rebeldes cruentos e a sociedade brasileira do Norte ter nadado em sangue selvagem. Nas palavras de Moreira de Azevedo:

Depois de viver meses em luta fratricida, de haver nadado em sangue, entregue a selvagens, foi a província do Pará restituída ao seio da união brasileira pelas vitórias sucessivas do general Andréa; conseguindo sua vontade, energia e presteza o que outros não haviam obtido. (AZEVEDO, 1884, p.209)

Andréa após vitórias sucessivas consegue restaurar a paz no Pará, através de sua energia, vontade e prontidão. Coisa que nenhum outro tinha conseguido, aniquilar os revoltosos em 1840, defendendo sua pátria com grande nobreza e dignidade.

⁸ Professor de Letras, médico e historiador, ficou conhecido por ser um intelectual de sua geração que se dedicou a estudar o período Regencial e por produzir larga escala de memórias da história do Brasil. Membro do IHGB, assim como Antônio Raiol este, também é como Barão do Rio Doce.

⁹ Francisco José de Souza Soares de Andrea, conhecido por ter sido um dos presidentes da província do Grão-Pará e por ser o general que reprimiu a Cabanagem, durante o período Regencial do Brasil.

Os primeiros trabalhos que versam sobre a Cabanagem geralmente são encontrados por esta tendência, as obras citadas acima só confirmam tal afirmação. Já que toda a documentação historiográfica desse país no século XIX continuamente esteve nas mãos da elite letrada da época. Contudo habitualmente é deste modo que o Cabano é visto nos seus trabalhos inaugurais, de forma genérica, sem identidade e rosto, desfigurado, desqualificado, marginal, rústico, percebido como sem cultura, antiquado e incapaz de aspirar por conta própria. Sucedeu que por um longo tempo foi desta forma generalizado, que a figura do cabano foi versada na historiografia brasileira.

Dotada por uma versão conservadora e depreciativa, assim a Cabanagem nos seus primórdios é descrita. A historiografia clássica (se assim pode ser chamada) que versa sobre a Cabanagem, ver o movimento dos cabanos como um evento histórico para o para o Pará e Brasil, mas sem grande relevância, pois este estava apenas atrelado a onda de movimentos que eclodiu no Brasil no período Regencial. De forma genérica e superficial, um movimento visto por um prisma elitista, de maneira superficial e genérica.

Retornando a questão do IHGB, Varnhagen ao descrever a História do Brasil, colocando o europeu acima das duas raízes (indígena e negra) formadoras do brasileiro. Numa versão das elites socioeconômicas, colocando o branco como o protagonista, o herói e conquistador, enquanto o índio e o negro como agentes passivos e submissos. Abre o espaço para a discussão e críticas do modo que a História foi escrita.

Tal como ocorreu com a versão idealizada e escrita por Capistrano de Abreu¹⁰, “Heródoto do povo brasileiro” (REIS, 2017, p. 85) que foi um crítico árduo da maneira pela qual foi inscrita a História da nação “Capistrano divulgou com simplicidade o conhecimento da história do Brasil, mais econômico-social do que política, liberta de datas, nomes e eventos oficiais” (REIS, 2007, p.96), visto que não foi dado espaço as outras matrizes formadoras.

Para vê-los assim, ele se coloca no ponto de vista do indígena e da terra do Brasil, que veem chegar novos e desconhecidos elementos. Ele olha da praia para o oceano cheio de caravelas, enquanto Varnhagen olhava da caravela de Cabral para a praia, e via uma terra exótica povoada por alienígenas. (REIS, 2007, p. 98)

Pois se Varnhagen olhava o para o Brasil e sua história das caravelas dos europeus, Capistrano, por sua vez, vislumbrava por outro prisma, pelo o olhar de quem olhava da praia

¹⁰ João Capistrano Honório de Abreu. Escritor e historiador brasileiro do século XIX.

para as caravelas. Ou seja, Capistrano foi um crítico “ferrenho” da maneira que Adolfo Varnhagen escreveu a História Geral do Brasil. Somente com os posicionamentos contrários que Capistrano de Abreu assumiu, quanto o modo que a História brasileira foi escrita. Possibilitou tanto o índio, quanto o negro algumas linhas na historiografia brasileira¹¹. Varnhagen apesar de ter visado somente a história do branco, foi necessário, pois foi a partir da crítica de sua obra que surgiram outros modos de narrar a memória brasileira, como o caso de Capistrano de Abreu.

Depois de fazer um retorno enorme na historiografia, o que cabe salientar aqui é a importância da obra matriz. *Motins Político* apesar de ter uma tendência elitista, seletiva, excludente e um tanto preconceituosa (no que tange aos cabanos) é um trabalho de suma importância para a memória paraense e logo amazonense. Em razão de que é a obra inaugural que trata do maior e mais famoso movimento da região Norte na historiografia.

Visto que, se for olhar pelo o mesmo prisma de Antônio Raiol de certo modo é até compreensível, já que:

Alguns fatores contribuíram pra essa empreitada: primeiro, por ser Raiol conterrâneo dos cabanos; segundo, pelo o fato de que seu pai fora assassinado pelos os rebeldes em 1835, quando contava então com cinco anos de idade; e finalmente com vistas ao ingresso no IHGB. (REIS, 2007, p.02)

Diante do trecho exposto, é justo considerar que Raiol devia a elite aristocrata do Brasil, uma versão que ridicularizasse o movimento cabano, composto pelo o que ele nomeou de “ralé” da sociedade.

Portanto a versão contida em *Motins Políticos* foi e é de grande estima para a historiografia, pois não dá para estudar-se acerca da Cabanagem e esquecer-se desta obra, pois corre o risco de possuir um trabalho pela metade e mesmo incompleto. Tal qual a História Geral do Brasil de Varnhagen, *Motins Político* é o ponto de partida, para continuidades e descontinuidades. Já que é a partir deste trabalho que nascem seus prós e contras. Inclusive seus críticos, que é o que tem ocorrido nos trabalhos que abordam a Cabanagem na atualidade.

1.2 A Cabanagem como “movimento de libertação nacional”

¹¹ Discussão presente na obra de José Carlos Reis intitulada “As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC” de 2007.

Este trata-se de como o Movimento Cabano foi visto pela versão de libertação, mas para isto é necessário fazer um retorno no cenário político e econômico no século XIX. Para iniciarmos esta análise faz-se necessário lembrar que a “história tradicional se mantém teimosamente ativa” (PINHEIRO, 2000, p.83), ou seja, segue na insistência mistificadora de um passado nacional passiva. Na ideia de que o Estado brasileiro se deu por um Brasil sem conflitos e tudo ocorreu de forma pacífica. Um exemplo contrário do que a História tradicional afirma é a situação do Grão- Pará na emancipação política brasileira, para entendermos tal situação é preciso uma volta ao passado, mais precisamente na colônia portuguesa da América.

No período Pombalino (1750-1777) houve mudanças políticas significativas na colônia brasileira, dentre tais mudanças à elevação da província do norte a vice-reinado. No entanto o Grão- Pará era uma das regiões importantes do território que logo seria o império brasileiro. Visto que “havia experimentado uma expansão econômica importante e recebido uma leva significativa de investimentos estatais, verticalizados principalmente na sua capital e seus arredores”. (PINHEIRO, 2000, p.83)

Mas a chegada da corte no Rio de Janeiro e a abertura dos portos em 1808, e também o tratado comercial com a Inglaterra em 1810, aflorou na colônia portuguesa conflitos internos, inclusive no Norte.

A política da Corte Portuguesa no Brasil, evitando criar protestos e distúrbios nas províncias do Sudeste, mantinha o fisco reduzido no Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto sobretaxava as áreas mais distantes, deixando cada vez mais evidente que estava em curso um processo de marginalização das províncias do Norte (...)o descontentamento com a nova situação apareceu não só na forma de protestos e motins populares, mas também na recriação de um passado mitificado, que identificava o período da administração do Marquês de Pombal como a ‘época dourada’ da região. (PINHEIRO, 2000, p.87)

Sobretudo a chegada da corte portuguesa na colônia trouxe modificações para as vidas dos habitantes, pois em 1822, Dom Pedro I proclamaria a emancipação da colônia e se instalaria o Estado nacional brasileiro. Todas essas transformações no campo político, trouxeram consigo uma crise econômica. E para superar a crise instalada e suprir os gastos da corte, o governo central que estava situado no Rio de Janeiro resolveu taxar os habitantes longínquos e aliviar essas taxas tanto do Rio de Janeiro, quanto de São Paulo.

A taxação foi absurda e sobrecarregaram os interiores, logo o Norte sentiu o impacto dessas taxas. Apesar das sobretaxas, o comércio do norte sentiu-se ameaçado, pois a abertura

dos portos (1808) favoreceu o comércio estrangeiro e passaram “a sofrer a presença incômoda dos ingleses no ramo da importação e exportação” (PINHEIRO, 2000, p.85) de produtos. Ao sofrer a taxaço, ser rebaixada a província do norte e lutar pelo seu espaço no comércio que era monopolizado, o Grão- Pará começa a relembrar de forma saudosista a Era Pombalina e os seus anos de glória como vice-reinado.

E então se inicia assim conflitos e embates políticos no Estado brasileiro na província do Grão- Pará. Caindo por terra o discurso da História tradicional que afirmava que a história do império brasileiro tinha ocorrido de forma passiva. No intuito de assegurar o controle do Estado, o governo central nomeava o presidente de cada província, o Grão- Pará insatisfeito com tudo que tinham lhe ocorrido desde a chegada da corte portuguesa, a elite nortenha começa a defender a ideia de uma descentralização política, onde dava poder a elite local.

O acirramento da luta política durante o processo de emancipação e as tensões que se estabeleceram entre as posturas centralizadoras e regionalistas manifestas no interior do recém-criado Império brasileiro engendraram uma ambiência de insatisfações, onde grupos econômicos cujo poder parecia esvair-se no contexto das novas estruturas políticas do Império elevavam o tom de suas críticas até o limite de enfrentamento armado. (PINHEIRO, 2000, p.89)

Logo a coroa não aprovou tal ideia e para reprimir envia em 1830 a província do norte o presidente Bernardo Lobo de Souza e o comandante das armas Silva Santiago, que inflamou os ânimos dos habitantes do Grão- Pará, podendo observar, contudo que o desenvolvimento político-econômico no interior no corpo social paraense, levou a eclosão do movimento popular dos cabanos.

Dentre tais motivos assenta-se a versão de liberdade nacional, onde os cabanos lutavam contra o mandonismo branco e buscavam seus direitos e liberdade. Um dos pioneiros a versar acerca desta versão é o alemão Gottfried Heinrich Handelmann¹²(1860) para ele, os cabanos fundamentavam-se no ódio racial aos brancos. Juntamente de Handelmann, *Idem* (1980)¹³ assentado neste mesmo prisma, Kidder acreditava que o movimento só eclodiu devido ao espírito de vingança dos nativos.

Uma vez que foram explorados tanto no período colonial, quanto no novo regime o imperial. “Quase todas as revoluções que agitaram o Pará podem ser direta ou indiretamente

¹² Historiador e viajante que passou no Brasil no século XIX, publicando em 1860 a sua *História do Brasil*.

¹³ Daniel Parish Kidder Missionário norte-americano, que passou no Brasil na primeira metade do século XIX, onde presenciou e escreveu acerca do Movimento dos Cabanos.

atribuídas ao espírito de vingança que os primitivos explorados, em suas expedições sanguinárias, incutiram na mentalidade dos nativos e mestiços do interior” (KIDDER, 1980, p. 185). Diante disto, conclui-se foi visando a libertação do seu jugo e de sua escravidão que índios, negros e mestiços se juntam as elites paraenses para fazer acontecer a Cabanagem.

Primeiramente, a alta taxação de impostos sobre a província do Grão- Pará que atingia em cheio a elite paraense e o rebaixamento de vice-reinado a uma simples província complicava ainda mais a situação política do Pará. Em segundo, porque a Cabanagem não foi somente um movimento composto apenas pela a elite paraense. No entanto deve se dar ênfase neste parágrafo e abandonar a ideia que o movimento Cabano foi um acontecimento homogêneo, ou seja, “romper com as perspectivas de unicidade do movimento cabano, mostrando-o com plural e multifacetado” (PINHEIRO, 2000, p.90) abandonando a versão que este era formado somente por um grupo com as mesmas características e reivindicações.

Pelo contrário a historiografia nos mostra que houve sim participação da elite paraense, mas a presença de índios, negros e mestiços foram cruciais para a tomada de poder. O índio que primeiramente foi roubado, expulso de sua própria terra e reduzido a escravidão agora “é recrutado para o serviço do Exército e da Marinha” (KIDDER, 1980, p. 186). Como os indígenas sempre foram agentes de sua própria história, logo recursavam a subordinação e o recrutamento para as forças militares já citadas. Insubordinados e com motivos bastante plausíveis (após toda a espoliação sofrida desde a chegada dos portugueses ao presente momento) para integrarem o movimento, compõe a Cabanagem.

Há muito tempo pela historiografia questionou-se sobre a presença negra na Amazônia, apesar de haver um déficit de produções acerca da figura do negro, este esteve presente sim, tanto que compuseram a dita “massa” da Cabanagem. O negro assim como o indígena teve motivos de sobra para participar do movimento Cabano. Visto que:

É bem verdade que ao longo dos dois primeiros séculos de dominação portuguesa no vale amazônico, tanto a oferta abundante de índios como a frequente licenciosidade jurídica diante das possibilidades de exploração econômica das populações nativas agiram como forças extremamente inibidoras da extensão do tráfico negreiro na Amazônia. (PINHEIRO, 1999, p.149)

A condição do negro na Amazônia não era muito diferente em relação ao resto do território brasileiro, ainda era traficado e mantido na condição de escravo, onde continuava sendo visto como objeto e comercializado. Introduzidos na economia desde o século XVIII na província do Grão- Pará, mas é somente na primeira metade do século XIX que os negros são

vistos com agentes políticos (com grande dificuldade devido as ações minimizadoras que lhes coube) participando da Cabanagem “engrossando as fileiras da massa rebelde” (PINHEIRO, 1999, p.152). Adentrando no movimento em prol da busca pela a liberdade, liberdade da escravidão.

Partindo do pressuposto de que para índios e negros a vida na colônia, no Império e no governo Regencial não foi uma das melhores, para o mestiço não foi diferente. Logo que este não se encaixava em nenhuma das matrizes formadoras e não eram brancos o suficiente para ascender na elite brasileira. Compôs a massa do Movimento Cabano, pois se este não tinha liberdade da escravidão ou dos serviços militares, viviam em condições miseráveis. Fazendo deste modo a unir-se aos demais, em busca de sua libertação, seja ela da escravidão ou do modo de vida precária que possuía.

Contudo levando em consideração as declarações de Handelman e Kidder, que a Cabanagem foi tão somente o ódio aos portugueses, e também a matança dos brancos por vingança por toda “espoliação lusitana na Amazônia” (MENEZES; SOUZA, 2017, p.228). Parece ser coerente as afirmativas dos viajantes, tendo em vista que índios, negros e mestiços vivam em condições desumanas. Entretanto, por que libertação nacional?

Libertação Nacional porque paraenses seja eles ricos ou pobres, da elite ou da massa, mestiço, índio e negro juntaram-se para a maior e mais famoso movimento ocorrido na história do Norte. Onde a elite paraense buscava liberdade que traduzida era a sua emancipação política e econômica, enquanto a massa índios, negros e mestiços procuravam a sua liberdade de seus serviços seja ele escravo ou o recrutamento para as forças militares.

Na qual almejavam por melhorias de vida, pretendendo sair da miserabilidade e assegurar sua ida e vinda de forma livre (no sentido mais comum da palavra). No mais, cabe salientar que a Cabanagem não foi um movimento apenas de uma faceta, homogêneo. Mais sim heterogêneo, multifacetado, onde a elite e a massa portavam seus próprios desejos e reivindicações.

1.3 A Cabanagem como “luta de classes”

A concepção a respeito da luta de classes é conhecida a nível mundial na publicação do Manifesto do Partido Comunista¹⁴, onde define o conceito de classes e como o modo de produção capitalista explora as classes, partindo do pressuposto que somente através do socialismo iria encontra-se a sociedade ideal, longe toda exploração. Tanto que ao iniciar o Manifesto Comunista afirmam: “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. ” (MARX&ENGELS,1848, p.1). Um ciclo interminável, em vista que após a decadência de um modo de produção, surge outro, como por exemplo, o sistema capitalista que vive a sociedade atual. Este nasceu depois da ruína do modo de produção feudal e permanece até hoje¹⁵.

Autor de conceitos como: estruturas, superestruturas e alienação, Marx depois de ter publicado e defendido tais ideais se consagra a nível mundial um sociólogo que veio quebrando paradigmas, com um novo olhar sobre o meio social. Karl Marx¹⁶ teve grande influência tanto dentro, quanto fora da Europa. Seus admiradores fundamentados nas suas ideias compõem assim a corrente marxista¹⁷, onde reproduzem e analisam as sociedades a partir do viés de Marx.

Porém o que nos cabe aqui é a definição de classes, Marx e Engels acreditavam que o meio social era polarizado, divididos entre superiores e inferiores, exploradores e explorados, suseranos e vassallos, burguês e proletário, “homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos” (MARX&ENGELS,1848, p.1). Onde as sociedades em condições inferiores lutam para a mudança de vida e sonham em ascender no topo, ou seja, no polo superior.

Atualmente o que está em voga são as classes burguesas e operárias. Edward Thompson¹⁸, por sua vez define classe como “um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência” (THOMPSON, 1987, p. 9), ou seja, é uma relação

¹⁴ Publicado primeira vez em 1848, por Friedrich Engels e Karl Marx. Obra de grande influência política, por conter conceitos sobre a luta de classes e por definir conceitos como: socialismo e comunismo.

¹⁵ Ciente de que o sistema capitalista fundado não é o mesmo que vigora na sociedade contemporânea, em vista que este é o capitalismo industrial aprimorado.

¹⁶ Historiador, economista e um dos maiores sociólogos deste tempo. Nascido alemão trouxe grandes contribuições para os campos políticos e econômicos.

¹⁷ Autores ou políticos que seguem ou usam conceitos elaborados por Karl Marx.

¹⁸ Adepto da corrente Marxista, Edward Palmer Thompson nascido britânico foi um grande historiador do século XX, pois este analisou de perto as classes operárias.

histórica, cultural e econômica. Onde pessoas com quase as mesmas características vivenciam as mesmas experiências, apesar de estar desconectado um do outro.

Partindo da macro para a micro História¹⁹, vale lembrar de Caio da Silva Prado Júnior²⁰ escritor brasileiro que se debruçou a escrever acerca da luta de classes no Brasil. Encarando o marxismo como ferramenta para a leitura de diferentes perspectivas históricas, nacionalizando o marxismo e através deste analisa a História do Brasil no sentido da colonização e como ela reflete mesmo depois da independência política, afirmando o seguinte: “Até porque, apesar da independência política, se manteve a estrutura econômica e social da colônia.” (BOTELHO; SCHWARZ, 2009, p. 235). Esse é o “X” da questão, pois ao analisar as estruturas existentes na colônia e no Império Brasileiro, Caio Prado Júnior volta-se para o famoso movimento do norte do Estado Nacional, a Cabanagem.

Entretanto depois de fazer esse regresso na historiografia europeia e definir classe, Prado Júnior ver o movimento Cabano na perspectiva de luta de classes onde o Estado brasileiro foi fundamentado na colônia de exploração, ou seja, a colonização foi tão somente a produção de grandes unidades de bens requeridos pelo mercado externo. Diante disso, aderiram a exploração de “raças inferiores” ao branco para construir o Estado-Nação e favorecer a acumulação primitiva de capital, das elites brasileiras. Onde a polarização esteve presente, no extremo a elite brasileira do outro lado os índios, mestiços e quilombolas. Na definição geral, uma intrínseca luta de classes.

Prado Júnior na obra intitulada “Evolução Política do Brasil- Colônia e Império” destaca alguns trechos para a Cabanagem. Sendo este divisor de águas para a historiografia que versa sobre o movimento cabano, que compõe “o terceiro conjunto de trabalhos sobre a Cabanagem” (PINHEIRO, 2001, p.89). Explicando a Cabanagem pela perspectiva opressora das estruturas político-econômicas dominantes. Considerando que as camadas subalternas eram oprimidas economicamente, viviam na miséria, além da fome e as epidemias que lhes assolavam.

Sustentado na ideia que a exploração colonial foi um dos motivos para os movimentos ocorridos no período Regencial Prado Júnior Afirma:

¹⁹ Panorama elaborado por Jacques Revel, 2010.

²⁰ Historiador, economista e advogado foi um marxista brasileiro. Burguês nascido em uma família cafeeira de São Paulo, torna-se membro do PCB em 1931.

O desencadeamento da insurreição faz com que venham à tona, e explodam em agitações, as diferentes contradições econômicas e sociais que se abrigavam no íntimo da sociedade colonial (...)as profundas diferenças sociais que se separavam entre si as classes e os setores sociais, relegando a massa da população para um ínfimo padrão de vida material e desprezível estatuto moral. (JÚNIOR, 1983, p.49).

Revelando a forma como a massa popular vivia no período Regencial, insatisfeitos e lidando com condições miseráveis, Caio Prado Júnior observa os cabanos desta maneira, lutando contra seus superiores para adquirirem melhores condições de vida. Tendo em vista que o Pará já vivera²¹ em grandes agitações no passado como já foi mencionado em páginas anteriores, visto somente a partir da Independência do Brasil, a província do Grão-Pará vivia ressentida pela espoliação lusitana nas palavras de Prado Júnior:

É nesta situação que a Independência veio encontrar a província. Tiveram por isso os paraenses de sustentar uma árdua luta contra o domínio lusitano, de que veio livra-los, em agosto de 1823, a intervenção do governo imperial. (JÚNIOR, 1983, p.72).

Mas a população paraense (elite e massa) continuava insatisfeita e revoltada, e para quem já tinha resistido ao domínio lusitano, a tomada de poder do frágil governo Regencial era descomplicado. Então no governo de Lobo de Souza (escolhido pela a própria Regência) que se inicia o movimento cabano, visto que as medidas adotadas pelo o presidente da província foram de represália pelas agitações que sucederam no Pará. Caio Prado Júnior tanto observou o governo de Lobo de Souza, manifestando o seguinte discurso:

Apenas empossado, inaugura Lobo de Souza uma política de enérgica repressão. Indicado a dedo pela a Regência para a difícil missão de repor a província revoltada no caminho da reação que ia se implantando no resto do país, não escolheu o presidente meios para atingir os seus fins. Perseguições, prisões arbitrárias, deportações em massa, de tudo se serviu. (JÚNIOR, 1983, p.73).

A Cabanagem que já foi abordada dentre tantas facetas, a versada por Prado Júnior é vista como um feito notável, uma vez que o poder é tomado pelas camadas populares e mantido por alguns anos. Ultrapassando de uma simples agitação popular, para uma tomada de poder. Uma luta de classes onde as camadas inferiores lutaram contra os seus superiores e romperam (mesmo que por pouco tempo) com os seus opressores e buscaram seus próprios

²¹ Vide o subtópico anterior que versa sobre a situação política e econômica no Pará.

ideais. Tornando a Cabanagem um dos marcos no que tange as lutas revolucionárias brasileiras.

Se Antônio Raiol com *Motins Políticos* produziu a obra inaugural da Cabanagem, no século XX Caio Prado Júnior com *Evolução Política do Brasil- Colônia e Império* determina outro marco para a historiografia que versa sobre a Cabanagem, pois foi o grande divulgador dessa vertente. Levando em consideração um certo crescimento de trabalhos fundamentados na concepção de luta de classes de Prado Júnior, na segunda metade do século XX. Renato Guimarães é um desses que seguiu na mesma perspectiva de Caio Prado Júnior²².

Publica em 1978 a obra *Cabanagem- a revolução no Brasil*, no qual trata da Cabanagem como a energia revolucionária do povo trabalhador do Pará. Ressaltando que foi marco para a historiografia brasileira no todo, pois revoluciona a história do povo enquanto massa, e consagrou-se um momento de ricas lições para a classe operária brasileira, pois os cabanos se revoltaram em prol da luta por libertação. Um importante historiador para a historiografia pois este valorizou a “História Vista de Baixo”²³ onde deu ênfase para lideranças fora do comum. Nas palavras de Magda Ricci:

O estudo de Guimarães ainda deve ser lembrado, porque salientou a pouca importância que a historiografia cabana atribuiu às outras lideranças fora do eixo principal de Belém. O autor valorizou o papel das lideranças de ascendência negra e indígena, que foram fundamentais em toda a calha dos rios da Amazônia, percorrida e levantada pelos cabanos. (RICCI, 2006, p.10)

Guimarães foi de grande importância para a historiografia acerca da Cabanagem, visto que seu olhar foi para além dos trabalhos existentes, pois este abordou o movimento Cabano pelo viés de luta de classes. Mas inovou ao notar as lideranças anormais, onde trouxe para a historiografia negros e índios como protagonistas, em um fato histórico tão grandioso quanto

²² Militante do PCdoB, escreve *Cabanagem- a revolução do Brasil*, no período da ditadura militar no Brasil.

²³ Conceito usado por Edward Thompson para escrever/narrar de Histórias sob novas perspectivas, incluindo, por exemplo, memórias indígenas e negras.

a Cabanagem. Abandonando a visão genérica a respeito do cabano²⁴, dando lugar ao protagonismo seja ele índio ou negro, participante do movimento.

A Cabanagem vista pela a vertente de luta de classes, possibilitou novos trabalhos, novas perspectivas e novos personagens do movimento. Enriqueceu o diálogo e tornou cada vez mais coerente da ideia que a Cabanagem não foi um movimento homogêneo, com os mesmo desejos e reivindicações. Tornando coerente a fala de Marx, quando afirma que a história das sociedades se resume na luta de classes. Onde sempre tem um burguês, um patrão ou um senhor que insiste permanecer em cima, mas a partir do desejo de libertação, de uma sociedade mais igualitária o proletário, o operário e o escravo insurgem e lutam por seus ideais.

Portanto a versão de Cabanagem enquanto luta de classes fortalece e lança luzes a pesquisas para aqueles que se interessam em movimentos sociais e são adeptos do marxismo. Pois este pode fundamentar-se ou mesmo criticar a obra de Prado Júnior, visto que a historiografia tanto brasileira, como amazônica precisam de mais trabalhos e obras para compor e aumentar memória que versa sobre o movimento cabano. Quanto mais versões e percepções sobre a Cabanagem melhor será.

Partindo do pressuposto de que quanto mais versões, mais visões e perspectivas podem ser formadas, onde irá colaborar para manter viva a memória do Cabano, que tanto lutou em prol dos seus objetivos. No mais, só reafirmando a frase de Caio Prado Júnior, a Cabanagem de veras foi o maior e o mais notável movimento popular da História do Brasil.

²⁴ Nas primeiras obras que tratavam sobre a Cabanagem, a grande maioria tratou os cabanos de forma genérica. Usando adjetivos como Conceito usado por Edward Thompson para escrever/narrar de Histórias sob novas perspectivas, incluindo, por exemplo, memórias indígenas e negras. massa e plebe, como se fossem sem identidades ou todos iguais.

CAPÍTULO 2

A CABANAGEM E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS, INFORMAÇÕES E MILITÂNCIA

A Cabanagem durante muito tempo foi vista na historiografia com uma revolta sem objetivos, um motim, rebeldes que não sabiam pelo o que estavam lutando. Mas esta mesma historiografia condenou e marginalizou o movimento Cabano na primeira metade do século XX, mais precisamente na década de 30 do referido século muda o seu panorama de interpretações acerca da Cabanagem, originando desta maneira novas concepções “uma nova geração de historiadores pertencentes às lides do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), principalmente a partir de 1936, ano em que aquela instituição patrocinou e dirigiu as comemorações do ‘centenário’ do movimento cabano” (PINHEIRO, 2001, p. 63). Se no capítulo anterior buscou expor as visões sobre o tema em questão.

Este por sua vez destina-se a expor as ideias, as informações e como estas circularam no plano nacional e mesmo internacional. Impactando além do campo político, o meio social criando deste modo militantes em prol do movimento Cabano. Manifestando a Cabanagem tal qual transformadora das estruturas política, econômica e social, onde mudou-se de maneira significativa o rumo da História do Pará. Como salientou professor Balkar: “Permanecerá o dado incontestável de que ele foi verdadeiramente impactante e contribuiu para a emergência de todo um processo de reestruturação socioeconômica em toda a Amazônia” (PINHEIRO, 2001, p. 95).

Desta maneira a Cabanagem ultrapassou os limites geográficos paraense, ecoando no vasto sertão amazônico onde alcançou os mais longínquos interiores, como é o caso da Vila de Ega²⁵. Animando as camadas populares, se traduzindo na militância do movimento Cabano. No mais, a Cabanagem reconfigurou a historiografia promovendo voz a camadas que por muito tempo foram reprimidas e silenciadas. Tornando deste modo um dos maiores movimentos da História do Brasil.

²⁵ Um dos antigos nomes do município de Tefé, que está situada atualmente no médio Solimões, no interior do Estado do Amazonas.

2.1 As ideias circulam e tomam “corpo”

Seria até pleonasmo afirmar que a Cabanagem não foi um movimento sem objetivos, tendo em vista que tanto a elite paraense, quanto a massa popular almejavam algo. Conduzindo-se novamente da macro para a micro história, como não nos lembrar da Revolução Francesa que foi marcada por fortes ideologias libertárias, que impactou a França, a Europa e logo o resto do globo mundial entendido por “sociedade civilizada”. Eric Hobsbawm²⁶ que versou em sua famosa obra “A Era das Revoluções” em 1962, acerca de tal Revolução o seguinte: “Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram fundamentalmente pela Revolução Francesa” (HOBSBAWN, 2014, p. 97).

A Revolução Francesa era senão a representação simbólica para as nações emergentes (como era o caso do Brasil) e para a política europeia e mundial. Configurando um novo vocabulário e temas como: a política liberal, radical e democrática, o nacionalismo e os códigos legais. Visto que o final do século XVIII foi um período de grandes agitações políticas e crises nos regimes europeus. Resultando no que Hobsbawm chamou de “era das revoluções democráticas”, no qual muitas colônias buscavam sua autonomia, tal qual o Estados Unidos da América e a Irlanda.

Ao deparar-se com um grupo (burguês) social composto de um conjunto de ideias (liberalismo clássico) coerente e mais a fome, intensificada devido ao aumento populacional, os tributos, os dízimos, as taxas e as inflações foram os responsáveis pela a eclosão da Revolução Franca, no intuito de libertar-se da tirania do Estado e da Igreja. Trocando o Absolutismo pela Constitucionalização, nas palavras de Hobsbawm: “o resultado mais sensacional de sua mobilização foi a queda da Bastilha” (HOBSBAWN, 2014, p. 109). A queda da Bastilha em 1789 levou a revolução para as cidades provincianas e para o campo, deixando de se limitar apenas a França e ganhado o cenário mundial.

Entretanto a Revolução Francesa tão somente representou uma revolução social em massa, um marco em todos os países. Ocasionalmente levantes que favoreceram a libertação da América Latina no começo do século XIX. Contudo duas forças colaboraram para a tal 1) a emergência de uma nova política, essa no caso foi a constitucionalização 2) a fome, a taxaço e a miserável que vivia a sociedade franca no século XVIII. Causando ideais libertários na

²⁶ Historiador marxista britânico, que analisou as sociedades pelo o mesmo viés de Karl Marx.

massa populacional e na classe média (burgueses), dirigindo-os ao marco histórico mundial, que visava a igualdade, liberdade e fraternidade.

Qualquer semelhança não é mera coincidência ao tema central deste trabalho, já que a sociedade paraense vivia quase o mesmo cenário da sociedade francesa. Carlos Rocque²⁷ ao descrever a Cabanagem argumenta que a Cabanagem é compreensível para a historiografia brasileira, e faz um passeio na historiografia mundial, comparando a Cabanagem com a Revolução Francesa afirmando que violências ocorreram na Europa no seio da cultura civilizatória como França, porque não no meio de um povo semibárbaro, tal qual o povo brasileiro. É no meio dessa discussão historiográfica que surge as ideias que circulam e formam o corpo do movimento cabano.

Levando em consideração a situação político-econômica histórica do Pará, o clima não era um dos melhores. Possuindo nomes como Félix Malcher, os irmãos Vinagre e Eduardo Angelim, as ideologias libertárias no Pará surgiram antes desses personagens. É com cônego João Batista Gonçalves Campos²⁸ que surge as primeiras críticas ao governo de Lobo de Souza, publicando ao jornal paraense críticas ao presidente da província, associando a sua imagem à do demônio (em vista que para a cultura amazônica quem possuísse marcas ou manchas no corpo era associado a coisas más)²⁹. Partindo do pressuposto que Batista Campos como intelectual, conhecia as ideologias da Revolução Francesa, torna-se um crítico ferrenho do governo repressor de Lobo de Souza.

Nas vésperas do movimento Cabano Batista Campos falece, seus companheiros seguem em conflito com o governo de Lobo de Souza, esse por sua vez, ao desentender-se³⁰ com a elite paraense manda prender líderes políticos, dentre eles Félix Malcher³¹. A tomada de Belém em 7 de janeiro de 1835 tinha por intuito libertar Malcher da prisão, liderada por Antônio Vinagre acontece a eclosão da Cabanagem no festejo de São Tomé. Os cabanos tomam o poder governamental no primeiro dia do movimento.

²⁷ Jornalista, pesquisador e historiador paraense, lança em 1984, Cabanagem: epopeia de um povo.

²⁸ Intelectual, jornalista e líder político do Pará na primeira metade do século XIX.

²⁹ Ideias tiradas do documentário intitulado: A Revolta dos Cabanos- Os três Governos Cabanos

³⁰ Acredita-se que Lobo de Souza não permitiu que membros da elite local alcançassem lugares políticos na Província do Grão- Pará.

³¹ Primeiro presidente Cabano.

Era janeiro de 1835. O tapuio Filipe, conhecido com Mãe Chuva, deu um tiro no peito de José Joaquim da Silva Santiago. Outro tiro, disparado por Domingos, o Onça, matou Bernardo Lobo de Souza. A primeira vítima era o comandante de armas e a segunda, o presidente da Província do Pará. Os corpos das maiores autoridades da Amazônia foram arrastados para o alojamento dos índios remeiros- um grande galpão em Belém (...) muitos chegaram a mijar na cova, um buraco aberto no cemitério da igreja das Mercês. A Cabanagem começava. (PINHEIRO, 2001, p. 9)

A Cabanagem o famoso movimento ocorrido durante o período regencial no norte do Estado brasileiro, o seu estopim deveu-se a morte do comandante das armas Silva Santiago e o presidente da província Bernardo Lobo de Souza. Liderados por Félix Malcher, os irmãos Vinagre e Eduardo Angelim, a cabanagem foi o resultado dos maus tratos que os habitantes da província do Grão- Pará sofriam pela coroa brasileira, que uniu elite e a população em geral (negros, indígenas, pobres, agricultores e etc...), denominados cabanos que tomaram o poder da sua província.

Aqui que reside a beleza do movimento Cabano, pois este aglutinou a massa e elite local, aspirando circulou os mesmos ideais libertários da Revolução Francesa, pois se a elite paraense almejava o poder local a presidência provinciana, a massa envolvida em ideias de emancipação (vendida pelos líderes do movimento Cabano), a massa buscava a liberdade, os índios parar o infortúnio que sempre foi lhes imposto pelos brancos portugueses.

Os negros na condição de escravos se pressupõem que ao mando do seu patrão ou em busca de sua própria liberdade. Os mestiços, pobres e agricultores procuravam por melhores condições de vida em vista da fome e varíola, que Magda Ricci comentou “no meio deste caos, chegou a varíola, que matou muitos cabanos, inclusive o Comandante das Armas de Angelim” (RICCI, 2006, p. 24) que assolava a sociedade paraense.

Em síntese retrata-se os governos Cabanos e a vontade da população cabana. Após a morte de Bernardo Lobo de Souza, os cabanos elegem Félix Malcher para presidente da província do Grão- Pará, porém Malcher volta-se apenas para os interesses da elite cabana, e deixa insatisfeita a população em geral.

Nesta data em nome de Dom Pedro II, Malcher foi aclamado pelo o povo para governar o Grão- Pará durante a menoridade do Imperador. Era a lei da ‘bravura e do ‘patriotismo’ contra o despotismo regencial carioca, considerado similar ao antigo jugo português. Como o poder que elegeu Malcher emanava do povo, sua vontade seria a mesma da coletividade que o aclamou. O que sucedia a este movimento era a memória dos louros imortais’, cabendo aos antigos beligerantes a volta aos lares e tomar agora em mãos os seus costumeiros “instrumentos agrícolas. (RICCI, 2006, p. 12).

Logo Malcher é deposto e morto pelos cabanos e quem assume a presidência é outro líder deste movimento. Francisco Vinagre o segundo presidente cabano, “a morte de Malcher foi um marco na Cabanagem. Depois dela Vinagre reconheceu o poder da Regência, em nome do Imperador” (RICCI, 2006, p.21) aclamado pelo público cabano assim como Malcher, de início agrada os revoltosos, mas também é deposto do seu cargo por não considerar os interesses do todo.

O terceiro e último presidente do movimento cabano foi Eduardo Angelim, “Antônio Vinagre foi morto em combate e Eduardo Angelim assumiu seu lugar em plena luta” (RICCI, 2006, p.22). Que fugiu e deixou a revolta ser reprimida pelo governo central em 1840, onde a coroa retomou o poder e estabeleceu um novo presidente, ainda sobre Angelim:

O artigo é longo e continua descrevendo muitos outros casos em que Angelim teria mandado matar, surrar ou prender escravos e homens livres pobres e tapuios que teriam “lavado as mãos em sangue inocente”. Ao que parece, foi esta situação que fez com que Angelim resolvesse fugir. (RICCI, 2006, p.25)

Os três presidentes cabanos foram aclamados pelo povo, tanto pela elite, quanto pela população em geral, porém a revolta durou apenas alguns anos a mais, porque em seu interior haviam conflitos e diferentes interesses. Pois se a elite cabana queria o poder e a presidência da província do Grão- Pará, a população em geral queria direitos, qualidade de vida e até mesmo liberdade que era o caso dos negros, que foram cabanos também.

Portanto a Cabanagem foi uma revolta popular que unificou os diferentes povos do norte, porém ela não pode ser vista de forma singular, será até redundante afirmar que esta foi um movimento plural e multifacetado, com interesses e objetivos diferentes. Contudo usando do método comparativo, a Cabanagem assim como a Revolução Francesa, é verdadeiramente uma revolução. Revolução na sociedade, na política, na economia e principalmente na historiografia amazônica. E a partir de suas ideias de liberdade, de libertação do jugo português que os valentes cabanos se unem em prol da tomada do “corpo”. Igualmente fizeram os franceses no século XVIII, na tomada da Bastilha, os cabanos no século XIX tomam o poder de Belém, consagrando assim o movimento mais importante da História da Amazônia.

2.2 O “corpo” em movimento: A Cabanagem como dimensão nacional e internacional

A grandeza do movimento Cabano não se limitou ao espaço geográfico de Belém, alcançando deste modo em escala exponencial “um número e diversidade de pessoas envolvidas” (RICCI, 2008, p. 77). Sabe-se que esta tem seu início datado na historiografia 07 de janeiro de 1835, com a morte do presidente da Província Lobo de Souza e o comandante das armas Silva Santiago. É a partir daí que o corpo ganha seu movimento, instaurando no território paraense o governo Cabano que perdurou 5 anos. Mas o movimento não se delimitou somente ao Pará.

Ecoando pelo o vasto sertão amazônico a Cabanagem sai de Belém no Pará e alcança novos horizontes. Nas palavras de Magda Ricci:

Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico atingindo os quatros cantos de uma ampla região. Chegou até as fronteiras do Brasil central, mas também se aproximou do litoral norte e nordeste. Gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de ideias e de pessoas. (RICCI, 2008, p.77).

Como salientou Ricci, a Cabanagem abrangeu outras localidades, onde as pessoas que presenciaram e mesmo vivenciaram foram atingidos pelos os ideais libertários dos cabanos. Resultando desta maneira o tráfico de ideais, mas como este ocorreu? Ocorreu com o tráfego pessoas que iam e vinham na província do Grão- Pará. Movidos pela identidade de ódio “ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdade” (RICCI,2006, p. 07) o movimento ganha uma proporção grandiosa, ultrapassando os limites geográficos paraense.

Levando em consideração o período do governo Regencial³² no Brasil, muitos movimentos eclodem no Estado brasileiro, por exemplo, a Sabinada³³ na Bahia, a Farrroupilha³⁴ no Rio Grande do Sul e a Balaiada³⁵ no Maranhão, são movimentos sociais ocorridos após a Cabanagem na Província do Pará, pressupõem-se que tais movimentos ocorreram fundamentados nas ideais do movimento Cabanos, tendo em vista que muitos deles ocorreram depois da Cabanagem e buscavam sua liberdade do mandonismo branco, que foi instalado pelos os portugueses. Mas vale salientar que apesar da importância de tais movimentos para a História do Brasil, a Cabanagem continua sendo a mais diversificada,

³² Este período histórico é visto pela a historiografia como fraco e sem energia moral.

³³ Entre 1837-38.

³⁴ Entre 1835- 1845.

³⁵ Entre 1838- 1841.

apesar do pleonasma é o movimento cabano que engloba a massa popular como agentes históricos.

Nas dimensões do território brasileiro acerca do movimento Cabano Magda Ricci afirma:

Depois disso, os cabanos ainda viveram uma saga pelos os rios e os igarapés da imensa calha do Amazonas, Madeira e Tocantins em um movimento de fuga e de interiorização da luta armada. Estes revolucionários fugitivos abriram outras frentes de lutas, ampliaram suas bandeiras e alteraram as formas de guerrear. Aprenderam a usar a natureza a seu favor, envenenando rios, queimando a mata, espantando os animais e dizimando plantações de alimentos básicos para a subsistências das tropas inimigas, como a mandioca e o milho. Seus avanços fizeram muitos alardes no médio, no alto Amazonas e nos rios Negro e Trombetas entre os anos de 1836 e 1839. (RICCI, 2008, p.91)

A referência só reforça o discurso que afirma que o movimento Cabano não se restringiu ao Pará, com a presença indígena na Cabanagem há quem afirme que a língua materna do índio (nheengatu) era usada, para confundir as tropas portuguesas. Visando com que não compreendesse o que eles articulavam e inovando na arte de guerrear. Contudo após os ventos soprarem o movimento cabano, como um dia aconteceu com a Revolução Francesa, este adquire dimensão nacional. Eclodindo movimentos por todo território brasileiro, os movimentos citados reafirmam o que se aponta, porém os ventos libertários cabanos não se limitaram somente a cobertura nacional. Mais sim a nível internacional também como é o caso da América caribenha.

No que tange ao plano internacional da Cabanagem, deve-se observar o contexto mundial na primeira metade do século XIX, as colônias da América emergiam por suas independências. O tráfego de pessoas tal qual viajantes e mesmo escravos fugitivos para as fronteiras levavam notícias (e mesmo as ideias) do movimento cabano, acontecido na Província do Norte, do recém fundado Estado Brasileiro. Que de certa forma animavam os que buscavam suas liberdades.

A Cabanagem foi para além das fronteiras nacionais, como é o caso da América caribenha³⁶, primeiramente a questão escravista, visto que tanto escravos quanto libertos possuíam uma história de lutas e resistências, que aderiram ao modo anarquista ora explícita, outra subentendida. Sem esquecer-se que mesmo com toda a espoliação portuguesa, era difícil

³⁶ A amplitude da Cabanagem alcançou até este território.

de serem controlados, ainda mais em um contexto revolucionário. Em segundo lugar a questão fronteiriça, onde de um lado estava a Guiana francesa, do outro o caribe. Ou seja, de um lado hispânico ao oposto o lado franco.

A região da fronteira brasileira- franca era uma área de preocupação para o governo paraense tendo em vista a fuga direta de escravos, índios e desertores do exército:

A região da fronteira Franco-brasileira, era uma área que causava preocupação do governo do Grão-Pará. Devido aos números de escravos que fugiam para aquela região, as autoridades paraenses souberam que a Guiana Francesa era um porto seguro para os escravos e outros que fugiram para aquele território (...)é importante observamos que a região da fronteira franco-brasileira, era uma rota de fuga que já se utilizava há bastante tempo. Pode-se ver que no período da ocupação Caiena, muitos escravos, soldados desertores refugiavam-se para aquela região em busca de conquistar sua liberdade. (CARDOSO; PANTOJA; PIRES, 2019, p. 47)

Visando o movimento cabano e as condições miseráveis que vivia a massa da população paraense é certo presumir que a circulação de pessoas para a fronteira foi concreta. Mas essas pessoas que circulavam, e muitas vezes imigravam (devido a fome, a varíola e o conflito sangrento que a Cabanagem trouxe consigo), levavam consigo as ideias do movimento cabano. O impacto da Cabanagem foi tão forte que na fronteira formou-se uma etnia, composta pelas fugas que ocorreram no período que o movimento cabano se sucedeu.

Com isso podemos identificar a etnia Karipuna, localizados na região do Oiapoque, ao norte do Amapá, vindo do baixo Amazonas de Bragança e Abaetetuba. Seu tronco linguístico era o tupi, provavelmente eram os 'Tapuios' (...) que falavam nheengatu (...)esse processo de formação dessa etnia é considerado a mistura de remanescentes de várias populações indígenas e não indígenas, que chegou pela foz do rio Amazonas juntamente com outros brasileiros que fugiam dessa conflagração. (CARDOSO; PANTOJA; PIRES, 2019, p. 48).

A criação da etnia Karipuna ressalta as influências da Cabanagem para a sociedade seja ela nacional, ou internacional. Pois os acontecimentos que ocorreram neste recorte histórico em questão, reconfigurou a história do Pará, do Brasil, da elite paraense, de negros, indígenas, do pobre, do agricultor. E forneceu a criação de novas sociedades. Como é o caso da sociedade da fronteira franco-brasileira, mais precisamente a etnia Karipuna. Que possibilitou o compartilhamento de culturas e tradições.

Essa adaptação e organização social foram de forma linear, certificamos que a Cabanagem teve influência na historiografia do homem do norte, de tal maneira, que causou impactos na costa setentrional do Grão- Pará, tanto com a diminuição de sua população e dos confrontos sangrentos que ocorreram, essas epidemias que se alastravam naquela região, houve um impacto importante no norte do Amapá, devido a fuga de algumas famílias indígenas

e não indígenas, escravos, soldados desertores” (CARDOSO; PANTOJA; PIRES, 2019, p. 56)

O corpo em movimento, não se limitou ao Pará, muito pelo contrário foi para além alcançado o território nacional e internacional. No qual possibilitou a união de raças, de culturas e tradições divergentes, moldando e criando uma nova sociedade, uma nova etnia e um novo conceito de povo. Unindo pobre e rico, branco, mestiço índio e negro, liberto e escravo, intelectuais e agricultores ausente conhecimento letrado, em prol de um só objetivo: o ódio ao branco português. Consagrando a Cabanagem um dos maiores eventos sangrentos³⁷ da História do Pará e da Amazônia Legal, podemos inferir que:

Depois de cinco anos de luta, os cabanos criaram ódio aos brancos e às autoridades impostas, aprendendo a amar a aclamação popular e a revolução infinita. Cultuavam a beleza revolucionária, mas viveram outras mazelas: a fome, as doenças e a instabilidade da guerra. Em um processo de fuga da escravidão, tal qual Moisés no Egito Bíblico, os cabanos foram perseguidos e mortos, mas seus ideais não desapareceram completamente. Em busca de sua ‘terra prometida’, muitos revolucionários se embrenharam nos rios e nas matas da Amazônia, ampliando quilombos ou criando comunidades mistas de negros, índios e mestiços, exemplos ímpares no Brasil. (RICCI, 2006, p. 28)

Contudo da Cabanagem enquanto evento histórico em movimento pode-se concluir duas coisas, 1) ela não deve ser entendida e nem restringida como um Movimento regional e limitado, partindo da ideia de que ela possibilitou a circulação de pessoas e as mais variadas ideias tornando-a num Movimento a nível Nacional e Internacional. 2) a criação do termo patriota, que era definido por quem se contrapôs ao mandonismo branco e imperial. Resultando desta maneira na identidade Cabana que gerou muitas memórias na historiografia da Cabanagem.

Portanto só salientando que a Cabanagem foi grandiosa ao ponto de expandir-se para além das fronteiras como foi explicitado a etnia Karipuna. Tratando-se de expansão do Movimento Cabano, vale ressaltar que os ventos do Movimento ecoaram nas fronteiras, mas também nos sertões amazônicos nos territórios mais internos da floresta amazônica.

3.3 A Cabanagem nos sertões amazônicos: A Vila de Ega

Que a Cabanagem atingiu um amplo território não é novidade, mas ao buscar nos arquivos municipais existe a surpresa que este Movimento se fez presentes nas vilas mais longínquas da Amazônia Legal. “O mais interessante é que este foi apenas a primeira vez que

³⁷ Estima-se que morreu mais de 30 mil pessoas no Movimento Cabano.

a massa mostrou claramente sua voz e a elevou acima de seu líderes cabanos. Sua aprendizagem revolucionária foi rápida e se espalhou vertiginosamente pela Amazônia” (RICCI, 2006, p.22).

Os ventos desse movimento chegaram à vila de Ega, e aqui se assenta a “cereja do bolo”, partindo da metodologia da História Local, que este texto irá se desenrolar. Diante deste, irá se comprovar que todo o observado até o presente momento é legítimo, ou seja, o Movimento Cabano e todos os seus impactos.

A luta armada que iniciou no Pará se expandiu por diversos territórios é fato, “se alastrou pelo território da Comarca do Amazonas, em 1835, teve reflexo em Ega como em outros termos, Vilas e Povoados” (PESSOA, 2007, p.44). A Cabanagem alcançou o território da Vila de Ega, levando os ideais libertários do Movimento Cabano. Ega antes da Cabanagem é vista como submissa, aceitando as proclamações que lhes eram impostas, porém ao ser atingida pela “invasão dos soldados rebeldes ‘os cabanos’ ela mudou de opinião”, tudo isso devido a infiltração Cabana em todo lugar.

Professor Protásio ao descrever a Cabanagem, tal qual Antônio Raiol a condena usando termos como “tacando o terror” para ilustrar a presença cabana na Vila de Ega. Mas o fato de que ela se fez presente neste território é incontestável, visto que, o autor documenta que no ano de 1836, a Vila reconhece o governador cabano como legítimo. Mas a reação contra o Movimento Cabano na Vila, logo foi reprimido, para restabelecer o regime antigo, ou seja, para que os ideais da Cabanagem fossem freados e sufocados no povoado, colocações do tipo:

Não meus patrícios, se anuímos em sermos vinagres, por tímidos, sejamos hoje, o que éramos antes, por dever, religião e patriotismo. Brandemos, sem demora, o gênio protetor do Brasil: a Lei e o nosso jovem Imperador Constitucional; aborrecemos os execrandos verdugos da nossa pátria. Assim, meus patrícios, daremos provas não equivocadas dos nossos sentimentos legais e não nos será de eterna vergonha ouvirmos dizer que fomos cúmplices dos vinagres, assassinos, ladrões e malvados. Mereçam patrícios meus, a Vila de Tefé o título de heroica, e os seus briosos habitantes, ao exemplo de bravos de Pauxis, que se imortalizaram nos Anais do nosso Império e faremos conhecer aos povos e ao mundo inteiro que é melhor morrer honrado, do que viver malvado(...) Vila de Tefé, 07 de agosto de 1836. José Patrício de Sant’ Ana. (PESSOA, 2007, p.45)

Este trecho explicita a proclamação enviada a Vila de Ega, no intuito de conter as ideias anarquistas dos cabanos, após esta a câmara aprovou um grupo armado liderado por Gregório Naziazzino da Costa, em prol da ordem pública para conter a “horda anarquista”.

Professor Protásio recorta o tempo da Cabanagem em 07 de agosto de 1836 até 1840 (que foi historicamente o fim da Cabanagem). Neste mesmo excerto o autor destaca a vida na Vila, pressupõem se que após o Movimento ser reprimido, continuava se desenvolvendo.

No centenário da Presença Espiritana na Prelazia de Tefé, reuniu-se um considerável número de fontes paroquiais, neste ao tratar dos Vigários da Paróquia de Tefé, desde os Carmelitas, até 1908, que por este território passaram. No que tange a Vila de Ega e nas regiões próximas destaca-se a Vila de Nogueira, na qual foi apresentada a presença do movimento Cabano, como podemos observar no seguinte trecho:

De 1822 até 1838, foi Vigário o Pe. Português Antônio José da Silva Cânon (...)no lugar dele, veio o sacerdote português, Gaspar Porfírio Delgado, que ficou apenas um ano, mas segundo se conta, teria marcado profundamente a história de Nogueira, vila formosa em todo o Amazonas e que, até então, tinha sido a sede da Paróquia. Tornara-se famosa pelas louças coloridas de barro, que ali fabricavam. O padre Gaspar foi espancado em Nogueira, em 1839. Por castigo, desde então, Nogueira nunca mais conheceu progresso. Quem sabe, o fato esteja relacionado com a Cabanagem que, justamente naquele tempo, atacava os elementos portugueses da população. (FONTES PAROQUIAIS, 1997, p. 30).

Os atos de violência que investiram ao Padre Gaspar, logo são associados ao Movimento Cabano, visto que por muito tempo os Cabanos eram vistos como rebeldes e malvados, e o fato ocorreu no período que a Cabanagem estava em movimento. Tal violência prejudicou a Vila de Nogueira, pois a sede da paróquia foi transferida para a Vila de Ega. Mas somente em 1849, pelo o Padre Luís Gonçalves de Souza, Paróquia muda-se definitivamente para Tefé.

Após o Movimento Cabano, a Vila de Ega aparece novamente na historiografia, desta vez citado pelo o professor Luís Balkar neste ele afirma: “Agassiz, que sempre se mostrou perplexo com a implícita associação que na Amazônia se fazia entre recrutas e desertores. Tanto é assim que, ao comentar a situação da cadeia pública de Tefé (antiga Vila de Ega, no Amazonas) ” (MENEZES; SOUZA, 2017, p. 227). Neste o naturalista retrata como os prisioneiros eram tratados, “amarrados em corda e paus”. (MENEZES; SOUZA, 2017, p. 227).

Recrutas e desertores! A associação dessas duas classes de indivíduos, como se tivessem cometido o mesmo crime! [...] Os agentes de recrutamento, tão maus como os antigos press-gang da Inglaterra, entram pelas florestas e agarram os índios onde quer que os encontrem. Todos aqueles que resistiam a esses processos sumários ou que de-monstrem a menor intenção de escapar-lhes são presos até a partida do vapor que os conduz à cidade do Pará, donde são mandados para o exército. A única prisão abarrotada que vi foi aquela em que estavam recolhido os recrutas. (AGASSIZ, 1975, p. 179 apud. MENEZES; SOUZA, 2017, p.227).

A situação dos nativos na Vila de Ega não era tão distinta daqueles que habitavam no epicentro da eclosão da Cabanagem, visto que estes tão eram explorados e levados a força para o serviço militar. O cidadão da Vila de Ega também vivia em condições miseráveis, o excerto do naturalista Agassiz confirma, ao analisar a cadeia pública da Vila de Ega e a sua super- lotação. Sem contar que tanto os recrutas, quanto os desertores eram tratados de igual para igual, ou seja, se uns iam amarrados em paus com cordas, tal qual o outro também. Desde a saída do pequeno povoado que era Ega até ao Pará.

Entretanto a Cabanagem enquanto movimento histórico ao se expandir alcançou os lugares mais longes da Província do Grão- Pará, a Vila de Ega é exemplo do que se declara. Gerando inquietações na população local, que em certo momento até reconheceu o presidente Cabano como legítimo. Mas como as força Imperial tinha mais recursos, logo reprimiu o movimento cabano no território de Tefé.

Porém essa repressão não anula as mudanças significativas que o Movimento Cabano trouxe para a Vila de Ega. Como foi analisado nos registros paroquiais, a parte que comenta a agressão que o Padre Gaspar sofreu, mudou o rumo da sede paroquial, que antes desse ato violento a sede paroquial era pertencente a Vila de Nogueira, após está se transporta para a Vila de Ega. Tornando-se definitiva no ano de 1849. Contudo a Cabanagem reprimida ou não assim como alterou a historiografia paraense, tal qual fez com a Vila de Ega.

Portanto há muito ainda o que se saber a respeito da Cabanagem no território Tefeense, mas isto só se torna possível com a visita ao acervo da Prelazia de Tefé. Ao realizar está pesquisa, não foi possível a visita ao acervo devido a mudança que este sofreu e mesmo a perca dos diários que datavam o período em questão. No mais podemos destacar que:

É inegável que o estudo da Cabanagem ainda necessita de um volume muito maior de pesquisas até que se possa superar definitivamente a torrente de lamúrias (queixas) a respeito do pouco caso atribuído a ela pelos historiadores nacionais. (PINHEIRO, 2001, p.28)

Tal qual a Cabanagem enquanto historiografia macro, a visão da micro história, no caso da história local de Tefé, mais precisamente a Cabanagem na Vila de Ega necessita de um olhar minucioso e com mais fontes que torne este tema mais vasto. E mesmo produza para a comunidade Tefeense saber que este famoso movimento rompeu as fronteiras geográficas

do Pará e chegou na Vila de Tefé, concedendo a sede definitiva da Paróquia Espiritana ao município, na primeira metade do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre rupturas e continuidades a Cabanagem continua tão presente na sociedade contemporânea. Esta que é repleta de versões, que a priori é vista como um motim de rebeldes. Com seu centenário uma nova versão surge, a versão nativista, ou melhor compreendida como um Movimento de Libertação Nacional, onde os cabanos movidos pelo o sentimento de ódio ao branco, tal qual os Jacobinos da França no século XVIII, se levantam contra a dominação portuguesa. Por último é versada como uma luta de classe, onde as classes “inferiores” lutam contra seus superiores por uma sociedade mais igualitária, e uma vida mais digna, longe de todas as mazelas que acometia a sociedade paraense e amazônica.

Contudo a Cabanagem foi também Movimento, no sentido mais puro da palavra, pois ela não se limitou geograficamente a Província do Grão-Pará. Essa abundante em ideias e informações vai para além dos limites territoriais do Pará, chegando a ser um Movimento Social a nível nacional e internacional. Um corpo vigoroso, cabanos com ideias e reivindicações. A Cabanagem movida pelos os ventos de uma Revolução chega na América caribenha, insti-tuindo na fronteira sociedade, como é o caso etnia Karipuna. Esses ventos ecoaram da mesma forma nos sertões amazônicos, atingindo o Tocantins, Amapá e o Amazonas e os seus interiores, como foi o caso da Vila de Ega.

Entretanto a Cabanagem está longe de ser um Movimento regional e restrito, a historiografia nos mostra isso. Pois ela moveu-se, fez circular ideias, pessoas, informações, discussões, versões e concepções diferenciadas. No mais, a Cabanagem não pode continuar sendo interpretada de forma genérica, como apenas uma “revolta” no período Regencial da História brasileira. Visto que, o Movimento foi o primeiro a incluir a massa popular e mostrar com clareza a voz da grande massa, sem contar que sua influência se espalhou com facilidade nas regiões que esta foi identificada historicamente. Partindo do pressuposto a dificuldade de informações que possuíam no século XIX, e a velocidade que este Movimento alcançou e conseguiu se sustentar por cinco anos, é inacreditável. Porém aconteceu na historiografia amazônica.

Portanto é até pleonasmo salientar que esta foi um Movimento Social multifacetado, mas por quê? Porque diferentemente dos outros movimentos este foi o único que uniu elite e

massa, fazendo lutar (apesar de demandarem em prol de causas diferentes) lado a lado. Culminando na tomada do poder de Belém no 07 de janeiro de 1835, fazendo perdurar o governo cabano por 5 anos. O impasse de desejos elite versus massa popular, foi um dos maiores causadores da decadência da Cabanagem, pois foram seus conflitos internos que enfraqueceram o Movimento. Porém não retira a beleza e a riqueza que foi a Cabanada, pode até ser anacronismo afirmar, mas pressupõem-se que a Cabanagem foi o evento inaugural no que tange as revoltas sociais no Brasil, seja ele Império ou República.

Todavia a Cabanagem foi de suma importância para a historiografia brasileira, por ser um movimento ímpar, da massa, que aproximou e mostrou que o povo, a classe de trabalhadores quando se une mexe (nem que seja por breve tempo) com as estruturas existentes na sociedade. Ocasionalmente marcando marcos históricos para a História do homem no tempo. A Cabanagem marcou e marca a história contemporânea, lembrando-se e tomando como exemplo aqueles que um dia se levantaram em busca de melhorias para sua vida. Tal como ocorreu no passado, é possível acontecer no presente, a mudança social que tanto se almeja.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Manoel Duarte Moreira de. **História Pátria: o Brasil de 1831 a 1840**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Editor, 1884.

ANDRADE, Sandy Maria Gomes de; MACHADO, Diego Correia. **Um contingente móvel: Cabanos entre histórias, memórias e narrativas. Acre: Das Amazônias**, 2020.

Barcellos (orgs.). Ciências Humanas: Pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 37- 61.

BOTELHO, André; SCHWARZ, Lilia Moritz (organizadores). Um enigma chamado Brasil: 29 interpretes e um país. -São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARDOSO, Aldo Cezár Craveiro; PANTOJA, Leandro de Freitas; PIRES, Lo-yanne Cristini Monteiro. **Os impactos da Cabanagem na costa setentrional do Grão- Pará (1822- 1840)**. Oiapoque, 2019.

CARR, Edward Harlet. **Que é História?**. 4º ed. Trad Lúcio Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HANDELMANN, Gottfried Heinrich. **História do Brasil**. 4º. Ed. Trad. Lúcia Furquim Kahmeyer. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982, 2 vols.

HOBSBAWN, Eric J. **A era das revoluções, 1789- 1848**. 34º ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

- JÚNIOR, Caio Prado. *Evolução Política do Brasil: Colônia e Império*. 13^o ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista, 1848**. Disponível em: file:///C:/site/livros_gratis/manifesto_comunista.htm (1 of 21) [01/07/2001 23:31:58, acesso 10 nov. 2021].
- MENEZES, Lená Medeiros de; SOUZA, Fernando de. **Brasil-Portugal: Pontes sobre o Atlântico: Múltiplos olhares sobre a e/ imigração**. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.
- KIDDER, Daniel. **Reminiscência de Viagens e Permanência nas Províncias do Norte do Brasil**. Trad Moacir Vasconcelos. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **Visões da Cabanagem- Uma revolta popular e suas representações na historiografia**. / Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro. – Manaus: Editora Valer, 2001.
- PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **De mocambeiro ao cabano: Notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX**. Terra das Águas, vol. 1, 1999.
- PINHEIRO, Luís Balkar de Sá Peixoto. **De vice-reino à Província: tensões regionalistas no Grão- Pará no contexto da emancipação política brasileira**. So-manlu, v1, n^o 1, 2000.
- PEREIRA, Duarte. *Das classes à luta de classes*. Unicamp, 2001.
- PESSOA, Protásio Lopes. **História da Missão de Tereza D'Ávila dos Tupebas**. Novo Tempo, 2007.
- RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835- 1840**. Tempo [online]. 2006.
- RAIOL, Domingos Antônio. **Motins Político: ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Grão- Pará desde o ano de 1821 até 1835**. 2^o. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970, 3 vols.
- ROCQUE, Carlos. **Cabanagem: epopéia de um povo**. 2 v. Belém: Imprensa Oficial, 1984.
- RICCI, Magda. *Fronteiras da nação e da revolução: Identidades locais e experiências de ser brasileiro na Amazônia (1820- 1840)*. Barcelona: Boletim Americanista, 2008)
- REIS, Nathacha Regazzini Bianchi. **Historiografia Paraense no século XIX: a contribuição de Antônio Raiol**.
- REVEL, Jacques. **Micro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Trad. Anne- Marie Milon de Oliveira. Revista Brasileira de Educação, 2010.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC/ José Carlos Reis* – 9. ed. ampl. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- SCAGLIONE, Luiza Delamonica. **Índios na Cabanagem: participações e identidades (1835)**. São Paulo, 2019.

SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia de Lima; PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“O pesquisador iniciante e a produção do conhecimento histórico: da escolha do tema à apresentação dos resultados.”** In: PINTO, Célia Regina Jardim. GUAZELLI, Cesar A.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária.** Trad Denise Bott-mann. -Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.